

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR LATINO-AMERICANO – IESLA

O INCONSCIENTE COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS¹

Gracielle Afonso e Silva²

RESUMO

A construção da identidade na contemporaneidade tem sido atravessada pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas da era digital, que reconfiguram modos de ser, perceber e se relacionar consigo e com o outro. Considerando esse cenário, este trabalho busca realizar uma leitura da subjetividade tomando como foco os impactos da validação digital na formação da identidade e nos modos atuais de existir. Para desenvolver essa reflexão, adotou-se o referencial da Psicologia Analítica, especialmente os conceitos de arquétipos, inconsciente coletivo, Persona, Sombra e processo de individuação, que permitem compreender fenômenos característicos do ambiente digital, tais como superexposição da imagem, busca por validação externa, padrões repetitivos de autoapresentação, projeções em massa e fragmentação do eu. Este estudo qualitativo, de natureza bibliográfica, baseia-se na análise de obras clássicas de Jung, autores da tradição junguiana e pesquisas recentes sobre identidade e subjetividade digital. O referencial teórico evidencia que os arquétipos permanecem atuantes como estruturas simbólicas fundamentais, embora ressignificados nos ambientes virtuais por meio de narrativas de superação, autocuidado, empoderamento e performance identitária. Os resultados indicam que os ambientes mediados por tecnologia favorecem a idealização da autoimagem, a dependência de validação externa e as projeções, pois deslocam a constituição identitária para o olhar e a validação do outro, dificultando o processo de individuação. Além disso, considera-se que existam implicações para a prática psicológica na era virtual, especialmente em contextos clínicos, educativos e institucionais, nos quais emergem novas formas de sofrimento psíquico mediado pela lógica da performance e da comparação. Observa-se ainda que o distanciamento entre aspectos conscientes e inconscientes favorece projeções coletivas de conteúdos sombrios rejeitados, intensificando ressentimento, hostilidade e polarização nas relações sociais.

Palavras-chave:

Psicologia Analítica. Identidade. Inconsciente Coletivo. Arquétipos. Subjetividade Digital. Individuação

¹¹Artigo científico desenvolvido sob a orientação da Prof.^a Dra. Cynthia da Conceição Tannure apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Educação Superior Latino-Americano - IESLA como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

²Discente do 10º período do Curso de Psicologia do IESLA, no 2º semestre de 2025.

ABSTRACT

The construction of identity in contemporary society has been influenced by the social, cultural, and technological transformations of the digital age, which reconfigure the ways individuals perceive themselves, relate to others, and experience subjectivity. Considering this context, this study examines contemporary subjectivity by focusing on the impacts of digital validation on identity formation and current modes of existence. To develop this reflection, we adopt the theoretical framework of Analytical Psychology, particularly the concepts of archetypes, collective unconscious, Persona, Shadow, and the individuation process, which enable the analysis of characteristic digital phenomena such as image overexposure, the search for external validation, repetitive patterns of self-presentation, mass projections, and the fragmentation of the self. This qualitative bibliographical study is based on the analysis of classical works by Jung, authors from the Jungian tradition, and recent research on identity and digital subjectivity. The theoretical framework indicates that archetypes remain active as fundamental symbolic structures, although resignified within virtual environments. The findings suggest that technology-mediated environments encourage the idealization of self-image, dependence on external validation, and intensified projections, as they shift identity construction toward the gaze and approval of the other, thereby hindering the individuation process. Furthermore, there are implications for psychological practice in the digital era, especially in clinical, educational, and institutional contexts, in which new forms of psychological suffering emerge under the logics of performance and comparison. The distancing between conscious and unconscious aspects also favors collective projections of rejected shadow contents, intensifying resentment, hostility, and polarization in social relations.

Keywords:

Analytical Psychology. Identity. Collective Unconscious. Archetypes. Digital Subjectivity. Individuation.

1 INTRODUÇÃO

A construção da identidade na contemporaneidade tem despertado crescente interesse na Psicologia e nas Humanidades, especialmente diante das rápidas transformações socioculturais que moldam a experiência subjetiva e reconfiguram os modos de existir, pertencer e se apresentar na era digital. Esses processos

identitários passaram a refletir mudanças constantes nos modos de pertencimento, reconhecimento e expressão do self, sobretudo entre indivíduos inseridos em contextos marcados pela mediação tecnológica (PEREIRA; PONTES; TOZATTO, 2022; MARTINS et al., 2023). Com a intensificação do uso das redes sociais, o sujeito encontra-se cada vez mais exposto ao olhar do outro, o que ressignifica formas de interação, autorrepresentação e validação social (FERES; CONTRERA, 2024; CASTRO, 2024).

Nesse cenário, as redes sociais têm se consolidado como espaços privilegiados de apresentação do sujeito, nos quais a identidade tende a ser moldada por estratégias de visibilidade, aprovação e desempenho, influenciando diretamente a maneira como o indivíduo comunica quem é e como deseja ser percebido (ANDRADE et al., 2024; PÉREZ-TORRES et al., 2024). Esses contextos favorecem a exibição de traços socialmente desejáveis e o ocultamento de aspectos considerados inadequados, contribuindo para experiências identitárias marcadas por idealização, tensão interna e fragmentação, especialmente quando há distanciamento entre o eu íntimo e o eu público.

Diante desse panorama, surge a questão orientadora deste estudo: como os processos psíquicos descritos por Jung se manifestam na experiência identitária mediada pelas tecnologias digitais. Para investigá-la, adotou-se o referencial teórico da Psicologia Analítica, que integra dimensões conscientes e inconscientes da experiência humana e oferece ferramentas conceituais para a compreensão de fenômenos simbólicos, afetivos e imagéticos presentes nos comportamentos digitais. Entre os conceitos selecionados para esta análise, destacam-se inconsciente coletivo, arquétipos, Persona, Sombra e Self, por permitirem examinar como padrões psíquicos universais podem ser intensificados, distorcidos ou reconfigurados na cultura digital.

Em especial, os arquétipos da Persona e da Sombra constituem o eixo analítico deste trabalho. A Persona refere-se à máscara social construída para atender às expectativas coletivas e facilitar a adaptação do indivíduo ao meio, enquanto a Sombra corresponde aos aspectos rejeitados, não reconhecidos ou incompatíveis com a autoimagem consciente. Esses conceitos permitem problematizar a tensão

entre o eu público, performado e exposto, e o eu íntimo, composto por conteúdos negados ou censurados. A investigação busca explorar como essas imagens arquetípicas se manifestam em fenômenos como superexposição, dependência de validação externa, projeções e polarização social, sem antecipar conclusões, mas abrindo espaço para reflexão crítica.

Ao reunir contribuições teóricas recentes e articular a Psicologia Analítica com subjetividade digital, esta introdução estabelece o percurso de pertinência do referencial junguiano na leitura da identidade contemporânea.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza teórica, desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica narrativa voltada à compreensão dos processos identitários contemporâneos à luz da Psicologia Analítica. Conforme Flick (2022), a abordagem qualitativa permite interpretar significados, construções simbólicas e fenômenos subjetivos, sendo adequada para estudos que buscam aprofundar conceitos e relações entre teorias e contextos socioculturais. Trata-se também de uma investigação exploratória, voltada à ampliação do entendimento sobre como o inconsciente coletivo e os arquétipos estruturam simbolicamente a construção da identidade na era digital.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre março e outubro de 2025 nas bases SciELO, Google Scholar, CAPES Periódicos, ResearchGate e SpringerLink, priorizando publicações recentes, compreendidas entre 2021 e 2025, para garantir atualidade às discussões sobre identidade, subjetividade e cultura digital. Paralelamente, foram incluídos textos clássicos da obra de Jung, como *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (JUNG, 2016), *O Eu e o Inconsciente* (JUNG, 2013), *Aion* (JUNG, 2016), *Tipos Psicológicos* (JUNG, 2015) e *Memórias, Sonhos, Reflexões* (JUNG, 1977), além de autores fundamentais como von Franz (2015) e Campbell (1990), cuja relevância teórica justifica sua inserção mesmo fora do recorte temporal recente.

A seleção das fontes considerou a pertinência conceitual, o rigor metodológico e a consonância com os objetivos deste estudo, excluindo trabalhos duplicados, textos opinativos e materiais sem acesso integral. A análise do material seguiu uma abordagem hermenêutico-interpretativa, alinhada às orientações de pesquisa qualitativa apresentadas por Flick (2023), buscando estabelecer articulações entre os conceitos junguianos e fenômenos socioculturais relacionados à identidade na contemporaneidade. Essa estratégia analítica favoreceu a compreensão de sentidos e ressignificações simbólicas presentes na dinâmica identitária mediada pelas tecnologias digitais.

Como limitação, não foram incluídos dados empíricos ou análises estatísticas, o que restringe a generalização dos achados. Entretanto, tal delimitação permite aprofundar a dimensão simbólica do fenômeno, oferecendo bases teóricas sólidas para pesquisas futuras e para as discussões sobre subjetividade na cultura digital.

2.2 Referencial Teórico

A compreensão da psique humana, sob a ótica da Psicologia Analítica, exige reconhecer que a subjetividade não se constitui apenas pela história individual, mas também por matrizes simbólicas universais que atravessam a experiência humana, às quais Jung denominou arquétipos. Em *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, Jung (2016, p. 52) afirma que “arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva que ocorrem praticamente em toda a Terra”, indicando que tais estruturas orientam modos de perceber, sentir e interpretar a realidade. Essas imagens primordiais compõem o inconsciente coletivo, dimensão profunda e compartilhada da psique da qual emergem símbolos que compõem a experiência humana.

Jung, em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, explica que as imagens psíquicas fundamentais aparecem em diferentes culturas ao longo da história humana, revelando que “a alma humana é uma só” e que seus padrões simbólicos atravessam fronteiras geográficas e temporais (JUNG, 1977, p. 245). Ao analisar tradições como as da África, Índia, Egito e Américas, o autor observou a repetição de motivos ligados ao nascimento, morte, transformação e experiência do sagrado, demonstrando que essas imagens não são construções isoladas, mas expressões

universais do inconsciente coletivo. Tais associações se formam porque os arquétipos operam como estruturas psíquicas comuns à humanidade, orientando a elaboração simbólica de experiências fundamentais da vida. Dessa forma, temáticas arquetípicas se materializam em símbolos amplamente reconhecíveis, como a água associada ao nascimento, o fogo e a serpente como representações de transformação, a caveira como símbolo da finitude e do ciclo vida-morte, além de figuras como o Herói, a Grande Mãe e o Velho Sábio, que estruturam narrativas fundamentais sobre a existência humana.

Para aprofundar essa definição, o autor descreve de forma mais detalhada a natureza dessa camada psíquica:

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste em formas pré-existentes, arquétipos, que só secundariamente podem se tornar conscientes, e que proporcionam uma base universal para a estrutura da psique humana. Essas formas são idênticas em todos os indivíduos e funcionam como padrões de comportamento, percepção e reação, manifestando-se em mitos, sonhos e produções imaginativas de toda a humanidade (JUNG, 2016, p. 58).

Essa dimensão mítica é também explorada por Von Franz (2015), que considera os contos de fadas como “mapas da alma” capazes de revelar as estruturas universais do inconsciente, e por Campbell (1990), que define os mitos como “o sonho público da humanidade” (p. 41), articulando dimensões humanas e transcendentais da experiência. A permanência dessas narrativas simbólicas na cultura contemporânea demonstra que, embora transformadas, elas continuam a moldar sentidos, comportamentos e valores.

Na atualidade, pesquisas recentes mostram que símbolos arquetípicos permanecem ativos nas linguagens digitais. Costa e Silva (2023) e Patussi e Schuck (2024) indicam que produções culturais contemporâneas, como filmes, séries, jogos eletrônicos e redes sociais, reatualizam imagens como o Herói, o Sábio e a Grande Mãe, ressignificando-as conforme as demandas da modernidade. Essas imagens são mobilizadas sobretudo na construção de narrativas de superação, autoridade, cuidado ou orientação, que fornecem sentido simbólico às experiências dos sujeitos

e organizam modos de identificação no ambiente digital. Nesse sentido, o mito não desaparece: desloca-se para novos suportes simbólicos, evidenciando que os arquétipos permanecem estruturando tanto processos individuais quanto dinâmicas coletivas.

A constituição da identidade, sob a perspectiva junguiana, envolve um processo contínuo de integração entre conteúdos conscientes e inconscientes, uma vez que o desenvolvimento do eu depende do encontro com símbolos, imagens e padrões psíquicos que emergem tanto da história pessoal quanto do inconsciente coletivo (JUNG, 2016). A identidade não é fixa, mas marcada por transformações decorrentes das experiências subjetivas e das demandas socioculturais que a atravessam. Pesquisas contemporâneas dialogam com essa compreensão ao situar a identidade como um fenômeno dinâmico, histórico e relacional. Pereira, Pontes e Tozatto (2022) descrevem-na como um processo simbólico permanente sustentado pelo diálogo entre a singularidade do sujeito e as referências sociais que o constituem. Assim, a identidade pode ser entendida como um campo em permanente negociação entre autenticidade e pertencimento, no qual o indivíduo busca coerência interna ao mesmo tempo em que responde às expectativas externas.

Von Franz (2015) complementa essa compreensão ao afirmar que a identidade emerge da articulação entre o patrimônio simbólico herdado e a experiência singular do indivíduo, sendo continuamente reinterpretada conforme as transformações culturais. No contexto atual, entretanto, as mudanças socioculturais e tecnológicas têm ampliado tensões nesse processo, sobretudo ao intensificar a distância entre aquilo que o sujeito vivencia internamente e aquilo que precisa apresentar socialmente. Avci et al. (2024), conforme mencionado anteriormente, apontam que a exposição constante nas redes sociais estimula a idealização da autoimagem e a dependência de validação externa, gerando fragmentação identitária e sensação de inconsistência. Santos et al. (2024) reforçam que o desafio contemporâneo reside na busca por congruência entre o “eu que se é” e o “eu que se mostra”.

Diante desse cenário, a fragmentação pode ser interpretada a partir da dinâmica entre Persona e Sombra. Em *Aion*, Jung (2016) define a Persona como a máscara

social construída para atender às expectativas coletivas e facilitar a adaptação, enquanto a Sombra corresponde aos aspectos rejeitados ou incompatíveis com a autoimagem idealizada. Quanto mais o indivíduo se identifica com a Persona, sobretudo nas redes sociais, onde a apresentação de si é performática e voltada à aprovação, mais conteúdos sombrios são deslocados para o inconsciente. Como esses conteúdos não podem ser reconhecidos internamente, manifestam-se por meio de projeções, rivalidades e comportamentos agressivos, como destacam Avci et al. (2024) e Castro (2024). No ambiente digital, a exposição constante ao olhar coletivo e os mecanismos de comparação amplificam idealização e projeção, dificultando a integração psíquica.

No ambiente virtual, a construção da autoimagem tende a favorecer a Persona, cuja manutenção constante intensifica mecanismos defensivos e distancia o sujeito de sua própria experiência. Como efeito, conteúdos rejeitados ou não reconhecidos emergem de forma indireta, muitas vezes por meio de projeções, competições, hostilidade ou práticas de “cancelamento”, refletindo, metaforicamente, a atuação da Sombra no espaço digital. Santos et al. (2024) evidenciam que esse movimento produz sentimentos recorrentes de inadequação e inconsistência subjetiva, uma vez que a identidade passa a depender da aprovação externa. Nesse sentido, o ambiente digital opera como um espelho coletivo que devolve aspectos não integrados da psique, agora mediados pelo olhar coletivo e pela lógica comparativa.

Pesquisas recentes reforçam esse panorama. Costa e Silva (2023) apontam que o espaço virtual atribui novos sentidos a símbolos e narrativas universais, enquanto Castro (2024) observa que, sobretudo entre adolescentes e jovens, a construção do self se dá entre o desejo de inclusão e o risco de dissociação. Nesse contexto, a hiperexposição, a gestão da autoimagem e os sistemas contínuos de comparação intensificam a busca por aprovação externa (AVCI et al., 2024; SANTANA; LUCENA; MELLO, 2024), deslocando o eixo da interioridade para a performance identitária. Como efeito, o contato com a vivência psíquica se fragiliza, dificultando aproximações consistentes com o Self.

Apesar disso, o ambiente digital pode favorecer processos reflexivos e expressões arquetípicas, desde que vivenciado com consciência crítica. Quando o sujeito

reconhece suas projeções e interpreta símbolos com discernimento, a cultura digital torna-se campo de elaboração interior e não de alienação, como argumenta Costa e Silva (2023). Assim, a subjetividade digital funciona como espelho contemporâneo, capaz tanto de revelar quanto de distorcer a imagem de si.

Nesse contexto, o processo de individuação, central na Psicologia Analítica, torna-se ainda mais desafiador. Jung (2013) o define como movimento contínuo de integração entre consciente e inconsciente rumo à totalidade psíquica representada pelo Self, entendido como o núcleo organizador da personalidade e expressão da totalidade psíquica. Indivduar-se exige confrontar a Sombra, abandonar idealizações e integrar polaridades internas. Von Franz (2015) enfatiza que a individuação não implica isolamento, mas consciência ampliada da singularidade em relação ao coletivo. Contudo, estudos recentes vêm mostrando que, na era digital, esse processo é tensionado pela lógica de desempenho e validação constante, que reforça identificações com Personas idealizadas e fragiliza o contato com a interioridade.

Apesar das tensões descritas, a individuação continua possível. Jung (2016) alerta para o risco da inflação do ego quando há identificação com conteúdos arquetípicos como se fossem pessoais, algo perceptível nas redes sociais em discursos de “evolução” ou “despertar” sustentados mais pela performance do que por um movimento interno de amadurecimento. Nesse processo, o desafio contemporâneo consiste em equilibrar interioridade e visibilidade, Persona e Self, sem reduzir a experiência subjetiva à lógica performática da era digital. A busca por sentido, compreendida tanto pela Psicologia Analítica quanto pela Logoterapia como impulso fundamental da existência, permanece como um movimento arquetípico central, mesmo diante de dinâmicas aceleradas e fragmentadas do contemporâneo.

Dessa forma, o referencial teórico evidencia que a constituição da identidade não é um processo estático, mas atravessado por conflitos e negociações subjetivas que fazem parte da experiência humana. Na contemporaneidade, essas dinâmicas ganham novas expressões em razão da cultura digital, que intensifica a exposição pública, a autorreflexão mediada e os mecanismos de validação externa. A Psicologia Analítica oferece um olhar para compreender o sujeito na cultura digital:

um ser em constante construção que, mesmo imerso em fluxos fragmentadores, permanece orientado, pela ação do Self, à busca de coerência, sentido e individuação.

2.3 Discussão

A análise das produções teóricas revisadas sugere que as dinâmicas identitárias contemporâneas não podem ser compreendidas apenas como efeitos das interações sociais atuais, mas como expressões atualizadas de padrões psíquicos universais descritos pela Psicologia Analítica. Essa compreensão dialoga diretamente com Jung, que, em *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, enfatiza que os arquétipos permanecem ativos independentemente das transformações históricas, manifestando-se em novos suportes simbólicos conforme as condições culturais (JUNG, 2016). Estudos contemporâneos reforçam essa perspectiva ao demonstrar que imagens e narrativas arquetípicas continuam operando no campo virtual, influenciando formas de pertencimento, estilos narrativos e modos de apresentação de si (COSTA E SILVA, 2023; PATUSSI; SCHUCK, 2024).

Embora as redes sociais pareçam representar um fenômeno estritamente contemporâneo, suas lógicas de funcionamento reatualizam padrões psíquicos universais, articulando busca por pertencimento, validação, reconhecimento e elaboração de conflitos, elementos já descritos por Jung em *O Eu e o Inconsciente* (JUNG, 2013) e *Aion* (JUNG, 2016). Assim, conforme apontam Pagan (2021) e Castro (2024), a cultura digital não substitui, mas traduz em novas linguagens os mesmos fundamentos simbólicos que historicamente moldam a subjetividade humana.

Nesse sentido, observa-se que o ambiente digital opera como um espaço privilegiado de expressão da Persona, intensificada pela produção intencional de imagens de si, busca de aprovação e performance identitária. A Persona digital torna-se não apenas um recurso adaptativo, mas um elemento constitutivo da experiência de si, moldado pelas expectativas sociais e reforçado por métricas de visibilidade, conforme apontam Avci et al. (2024). A centralidade dessa máscara social amplia a distância entre o eu vivido e o eu exibido, fenômeno já antecipado

pela Psicologia Analítica, que compreende a Persona como mediação necessária, porém potencialmente alienante quando superinvestida.

Outro aspecto central observado é a relação entre arquétipos e práticas identitárias contemporâneas. A recorrência de narrativas de superação, autocuidado, empoderamento, espiritualidade midiática ou culto à performance evidencia a ressignificação de imagens arquetípicas como o Herói, associado à conquista e superação de obstáculos, a Grande Mãe, ligada ao cuidado e à nutrição, o Sábio, relacionado ao conhecimento e à orientação, e o Curador, vinculado à reparação e regeneração. Estudos recentes (COSTA E SILVA, 2023; PATUSSI; SCHUCK, 2024; SOUZA, 2023) indicam que tais símbolos assumem novas roupagens, mas preservam sua função estruturante da vida psíquica.

Nesse cenário, a subjetividade é marcada pela hipervisibilidade e pelo esvaziamento interior. A orientação para o olhar externo favorece a dependência de validação, dificultando o contato com a interioridade e reduzindo as possibilidades de integração. Jung (2013) afirma que o desenvolvimento psicológico exige o diálogo contínuo entre consciente e inconsciente; contudo, a cultura digital tende a privilegiar a consciência adaptada, voltada ao desempenho e à aprovação, em detrimento do aprofundamento interior. Esse desequilíbrio fragiliza a constituição identitária e intensifica experiências de inadequação, ansiedade e fragmentação.

Ainda assim, a discussão evidencia que o digital não é necessariamente antagonista do processo de individuação. Quando utilizado com discernimento, o ambiente virtual pode funcionar como espaço de reflexão, produção de sentido e circulação de narrativas que favorecem o autoconhecimento. Costa e Silva (2023) destaca que conteúdos digitais que promovem elaboração, como narrativas mitológicas, discursos reflexivos e produções culturais com potencial interpretativo, podem ampliar a consciência e favorecer a integração. Dessa forma, o digital pode operar não apenas como campo de alienação, mas também como território de ampliação da consciência.

Desse conjunto de análises, conclui-se que a identidade na era digital é constituída na intersecção entre forças arquetípicas, demandas socioculturais e experiências individuais. A cultura digital não rompe com a lógica descrita pela Psicologia

Analítica, mas intensifica e reconfigura suas expressões ao traduzir imagens e narrativas arquetípicas em novos formatos simbólicos, como discursos de superação, empoderamento, cura, espiritualidade midiática e performance identitária, que atualizam, no ambiente virtual, os mesmos padrões psíquicos universais descritos por Jung. O sujeito contemporâneo é convocado a navegar entre aquilo que mostra e aquilo que prefere ocultar, entre o desejo de pertencimento e a necessidade de preservar sua singularidade, em um cenário marcado pela aceleração e pela hiperexposição. A compreensão desses processos oferece, portanto, uma leitura crítica para interpretar os desafios subjetivos emergentes, reafirmando que a busca por sentido e totalidade permanece como eixo estruturante do desenvolvimento humano, mesmo em uma sociedade mediada por tecnologias.

2.4 Implicações para a prática em Psicologia na era digital

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho trazem implicações importantes para a prática em Psicologia, especialmente em contextos clínicos, educativos e comunitários que lidam diretamente com os efeitos da cultura digital sobre a subjetividade. Percebe-se que, no âmbito clínico, a compreensão da dinâmica entre Persona e Sombra oferece um referencial para a leitura de queixas relacionadas à autoimagem, autoestima, sensação de insuficiência e experiências de exposição nas redes. A Persona digital, cuidadosamente construída para atender às expectativas de sucesso, beleza e performance, pode ocultar angústias profundas, sentimentos de vazio e dificuldades de contato com o próprio desejo, elementos também observados por Andrade et al. (2024) na análise da identidade digital. Reconhecer essa distância entre o “eu que se mostra” e o “eu que se sente” permite ao psicólogo criar um espaço de elaboração em que o sujeito possa questionar os modelos identitários internalizados e aproximar-se de uma vivência mais autêntica de si (COSTA E SILVA, 2023).

Além disso, como dito anteriormente, a intensificação das projeções sombrias em ambientes virtuais, como rivalidades, ataques, “cancelamentos” e discursos de ódio, tem sido identificada por Castro (2024) como manifestação contemporânea da Sombra coletiva que, conforme salientado em *Aion* (JUNG, 2016), emerge por meio

de projeções e pode adquirir força destrutiva quando não reconhecida conscientemente. Assim, trabalhar o reconhecimento de conteúdos internos deslocados para o outro torna-se fundamental para o fortalecimento da responsabilidade subjetiva e para a construção de relações mais éticas consigo e com o coletivo.

Do ponto de vista institucional e educativo, escolas, universidades e serviços de saúde podem se beneficiar de ações que articulem cultura digital, subjetividade e simbolismo. Estudos de Patussi e Schuck (2024) destacam que jovens universitários apresentam dificuldades em lidar com padrões idealizados de corpo e imagem amplificados pelas redes sociais, reforçando a importância de espaços grupais de elaboração. Grupos de reflexão, oficinas temáticas e projetos de mediação de conflitos no ambiente online podem ser inspirados nos princípios da Psicologia Analítica, ao promover espaços em que mitos, narrativas, símbolos e experiências pessoais sejam compartilhados e ressignificados coletivamente (COSTA E SILVA, 2023; PAGAN, 2021).

Por fim, a noção de individuação oferece um horizonte ético para a prática psicológica na era digital. Em um contexto marcado por aceleração, exposição e busca por reconhecimento imediato, acompanhar o sujeito em seu movimento de integração entre Persona e Sombra, desejo próprio e demandas coletivas torna-se uma tarefa clínica e socialmente necessária. Como ressalta Pagan (2021), a cultura digital é simultaneamente campo de risco e de possibilidade, e cabe ao psicólogo atuar como mediador, favorecendo que o indivíduo encontre caminhos singulares de construção de sentido sem perder de vista sua inserção no tecido coletivo. Assim, a Psicologia Analítica não se limita a interpretar a realidade contemporânea, mas oferece elementos para uma prática comprometida com o fortalecimento da identidade em meio às transformações da era digital.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender de que maneira o inconsciente coletivo, na perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, se expressa na construção da identidade na contemporaneidade, especialmente em meio às transformações promovidas pela cultura digital. Buscou-se analisar como os

arquétipos, mitos e símbolos permanecem operantes na subjetividade moderna, ressignificados pelas redes sociais e por outros espaços mediados pela tecnologia.

Pôde-se compreender que a psique humana estrutura-se por matrizes simbólicas universais que atravessam diferentes épocas e culturas. Mesmo traduzidas por novas linguagens e formatos, as imagens arquetípicas seguem orientando comportamentos, valores e modos de pertencimento. Assim, conclui-se que a cultura digital, com seus símbolos e narrativas, reconfigura os fundamentos psíquicos, preservando a dimensão arquetípica do inconsciente coletivo.

A inclusão dessa análise para a prática psicológica evidencia que tais transformações não dizem respeito apenas ao campo teórico, mas produzem efeitos concretos nos contextos clínicos, educativos e comunitários. A intensificação da Persona digital, o aumento das projeções sombrias e a fragmentação identitária observada nas redes sociais requerem do psicólogo uma escuta sensível às formas contemporâneas de sofrimento psíquico mediado pela tecnologia. Torna-se essencial compreender como experiências de inadequação, insegurança, comparação e hostilidade digital dialogam com conteúdos simbólicos profundos e com dinâmicas inconscientes descritas por Jung.

Do ponto de vista institucional e educativo, as reflexões aqui desenvolvidas apontam para a importância de práticas psicoeducativas que abordem interioridade, simbolismo, processos identitários e o papel das emoções na construção do eu contemporâneo. Grupos de reflexão, oficinas temáticas e ações de mediação de conflitos no ambiente online podem se beneficiar dos princípios da Psicologia Analítica, contribuindo para ampliar a consciência crítica e promover relações mais éticas no espaço digital.

Reconhece-se, contudo, que o estudo apresenta limitações decorrentes de seu caráter teórico e bibliográfico, sem contemplar investigações empíricas. Como revisão narrativa, também depende das interpretações disponíveis na literatura e das escolhas teóricas que orientaram a seleção das fontes. Sugere-se que pesquisas futuras desenvolvam abordagens empíricas, qualitativas ou mistas, que investiguem a manifestação de arquétipos, Persona e Sombra em situações concretas, como interações em redes sociais, comunidades virtuais, jogos

eletrônicos ou contextos terapêuticos mediados por tecnologia, ampliando o diálogo interdisciplinar entre Psicologia, comunicação, antropologia e estudos digitais.

Conclui-se, por fim, que a Psicologia Analítica permanece como um referencial para compreender os modos atuais de construção identitária. A necessidade humana de coerência interna, reconhecimento e elaboração subjetiva, expressa no processo de individuação, permanece ativa, reafirmando que os fundamentos arquetípicos descritos por Jung continuam operantes na experiência contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. S. et al. A identidade digital e a negociação do eu nas redes sociais: uma abordagem psicológica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicologia Social*, v. 30, n. 2, p. 211–228, 2024.

AVCI, H. et al. A systematic review of social media use and adolescent identity development. *Child & Adolescent Psychiatry and Mental Health*, v. 18, n. 2, p. 1–15, 2024. DOI: 10.1007/s40894-024-00251-1. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40894-024-00251-1>. Acesso em: 20 out. 2025.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

CASTRO, J. C. Subjetividade digital em adolescentes na pandemia: um olhar da Psicologia Analítica. *Psicologia Argumento*, v. 42, n. 117, p. 1–17, 2024. DOI: 10.7213/psicolargum.42.117.AO13.

CORDEIRO, L. H. et al. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 11, p. 1368–1374, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i11.7729.

COSTA E SILVA, A. C. A importância dos símbolos e dos mitos na Psicologia Analítica: reflexões sobre o sentido do símbolo na clínica e na cultura. *Self - Revista do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa*, v. 8, n. 1, p. 90–104, 2023.

FERES, A.; CONTRERA, M. O desaparecer de si na sociedade midiática neoliberal. *Esferas*, ano 14, v. 2, n. 30, p. 1–10, maio/ago. 2024. DOI: 10.31501/esf.v2i30.14565.

FERREIRA, R. A. Narrativas digitais e a construção simbólica da subjetividade: uma leitura junguiana. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 35, n. 1, p. 1–12, 2023.

HE, W. The duality of archetypes in tarot cards. *Studies in Arts and Spirituality*, v. 5, n. 1, p. 85–96, 2025. DOI: 10.32111/SAS.2025.5.1.6.

HEYL, J. C. H. Carl Jung: biography, archetypes, theories, beliefs. *Verywell Mind*, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.verywellmind.com>. Acesso em: 2 set. 2025.

JUNG, C. G. Tipos psicológicos. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C. G. A natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. Civilização em transição. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINS, T. A. et al. Cultura da performance e identidade fragmentada: impactos psicológicos das redes sociais. *Revista de Estudos Psicológicos Contemporâneos*, v. 12, n. 1, p. 40–59, 2023.

PAGAN, J. L. O inconsciente coletivo e a cultura digital: manifestações simbólicas nas redes. *Comunicar*, v. 29, n. 2, p. 230–242, 2021. DOI: 10.3916/C68-2021-21.

PATUSSI, A.; SCHUCK, A. L. Os efeitos das redes sociais na subjetividade e nos modos de relação com o corpo entre jovens universitários. *Diversidade e Educação*, v. 12, n. 1, p. 216–236, 2024.

PEREIRA, J. V. N.; PONTES, R. Q.; TOZATTO, A. A influência das redes sociais no processo de construção da identidade. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 10, p. 591–598, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i10.7105.

PÉREZ-TORRES, V. et al. Social media: a digital social mirror for identity development during adolescence. *Current Psychology*, v. 43, n. 4, p. 1–17, 2024. DOI: 10.1007/s12144-024-05980-z. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12144-024-05980-z>. Acesso em: 20 out. 2025.

RODRIGUES, G. S. et al. Análise da evolução da estética e os novos padrões de beleza. *Revista Estética & Sociedade*, v. 2, n. 1, p. 45–60, 2022.

SANTANA, R. R. C.; LUCENA, T. V.; MELLO, F. Uso de redes sociais e saúde mental: um estudo qualitativo com adolescentes de Salvador e Região Metropolitana da Bahia. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 13, e5823, 2024.

SOUZA, L. M. Arquétipos digitais: representações simbólicas nas mídias sociais. *Revista Estudos em Imaginário e Cultura*, v. 5, n. 2, p. 101–120, 2023.

VON FRANZ, M.-L. A interpretação dos contos de fadas. São Paulo: Paulus, 2015.

YANG, L.; XU, Y.; HUI, P. Metaverse identity: core principles and critical challenges. *arXiv*, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2403.12345>. Acesso em: 10 out. 2025.